

**INTERAÇÃO FACE A FACE
EM UMA COMUNIDADE RELIGIOSA
ENQUADRES RELIGIOSO E SOCIAL**

Cleide Emília Faye Pedrosa(UFS/UFPE)

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Tendo em vista a natureza de nossa palestra, ou seja, demonstrar como as pessoas interagem socialmente através da linguagem verbal e não verbal em uma comunidade religiosa, gostaríamos de iniciar a trajetória teórica, afirmando que a vida em sociedade pressupõe uma necessidade de intercâmbio e comunicação que se realiza essencialmente por meio da língua, vista aqui como

um fenômeno cultural, histórico, social e cognitivo que varia ao longo do tempo e de acordo com os falantes: ela se manifesta no uso e é sensível ao uso. A língua não é um sistema monolítico e transparente, mas variável, heterogênea e sempre situada em contextos de uso, (Marcuschi, 1996: 07).

Diariamente, comprovamos que a língua é utilizada para múltiplos propósitos, funcionando basicamente como elemento de coesão social. Ela se constitui num elo comum entre os indivíduos, dando-lhes consciência de que pertencem a uma comunidade (também lingüística).

As teorias de linguagem, do passado ou do presente, refletem concepções peculiares de fenômenos lingüísticos e compreensões distintas do papel desta na vida social.

Como seria exaustivo listar todos os estudiosos europeus que contribuíram para relacionar língua e sociedade, destacaremos os nomes de: Mikhail Bakhtin, Marcel Cohen, Émile Benveniste e Roman Jakobson.

Bakhtin traz para os estudos lingüísticos a noção de Comunicação social. O visionário dizia que a verdadeira substância da língua é constituída pelo fenômeno social da interação verbal e atualizada através da enunciação ou das enunciações.

Cohen apresenta um claro interesse pelo estudo sociológico da linguagem. Sua concepção é de que os fenômenos lingüísticos ocorrem no contexto variável dos acontecimentos sociais, desse mo-

do, percebe as relações entre linguagem e sociedade a partir da consideração de fatores externos.

De acordo com Benveniste (1991), indivíduo e sociedade só se determinam mutuamente através da língua. “De fato, a linguagem se realiza sempre dentro de uma *língua*, de uma estrutura lingüística definida e particular, inseparável de uma sociedade definida e particular.” (Benveniste, 1991:31). E ainda, “...a língua interpreta a sociedade. A sociedade torna-se significante na e pela língua, a sociedade é o interpretado por excelência da língua.”(Benveniste, 1989: 98)

Também Jakobson afirma que existe relação entre linguagem e contexto social, tendo a comunicação um papel nuclear nessa relação.

Esses caminhos nos conduzem às pesquisas desenvolvidas pela Sociolingüística Interacional (SI) que considera a linguagem, cultura e sociedade como um processo situado, que se determina no uso.

SOCIOLINGÜÍSTICA INTERACIONAL

A Sociolingüística Interacional (SI) está, tanto teórica como metodologicamente, fundamentada na Lingüística, na Sociologia e na Antropologia. Essa base deixa explícita a relação entre linguagem, sociedade e cultura.

A História da SI está ligada ao trabalho de John Gumperz e seus colaboradores. Seu artigo “The linguistic Bases of Communicative Competence” indica a necessidade de se estudar os processos segundo os quais produzem e interpretam significados em nossas interações verbais e as marcas lingüísticas, paralingüísticas e não verbais que servem de orientação (pistas/”cues”) para a identificação do contexto em atualização a cada momento.

Outro trabalho que é considerado um marco na pesquisa SI é “O significado social na estrutura lingüística: Alternância de códigos na Noruega” de Blom e Gumperz. Nele, os autores trabalham com a etnografia da comunicação com o objetivo de analisar os traços específicos da fala e as relações sociais subjacentes entre falantes de Hemnesberget.

A partir da metade dos anos 80, ganha importância, no Brasil, a Análise do Discurso (AD) em cujo âmbito está situada a SI que apresenta como objeto não mais os fenômenos associados à competência lingüísticas, porém ao desempenho.

Uma das contribuições da SI para a realidade brasileira é descrever nossa diversidade cultural,

mostrar para a sociedade, as demandas e dificuldades que a comunicação transcultural traz para as instituições, como escola ou os sistemas de saúde, e para os indivíduos, que precisam adquirir um nível maior de competência comunicativa para funcionar bem em sociedades abertas e multiculturais como a nossa. (Quental, 1996: 235)

Várias pesquisas já foram e estão sendo realizadas sob essa nova perspectiva: Na UnB- Stella Maris Bortoni lidera estudos da interação em sala de aula; na UFRJ – Lúcia Quental faz parte de um grupo que estuda o discurso de psicóticos em instituição psiquiátrica e os eventos de fala, às vezes determinantes para o sucesso ou fracasso de um tratamento; na PUC-Rio – Maria do Carmo Leite de Oliveira, Liliane Cabral Bastos e Maria da Graça Dias Pereira trabalham com o discurso em empresas; na UFPE – José Carlos Gonçalves trabalha com alguns discursos institucionalizados.

As análises em S I objetivam dar conta tanto do comportamento verbal quanto não-verbal de indivíduos em encontros face a face, tanto em situações informais quanto em situações institucionais. Os pesquisadores nesta área fazem uso do conhecimento lingüístico para explicar o processo e os resultados de uma interação face a face em diversas situações: o discurso em sala de aula, encontros de negócio, etc A análise de uma interação exige como pré-requisito um processo de imersão nos detalhes dessa interação.

Sua metodologia é proveniente de micro-análise de dados naturais, recolhidos em estudos de natureza etnográfica. O registro inclui notas de campos e entrevistas, gravações, filmagem, dados êmicos conseguidos em sessões de playback ou visionamento em que os integrantes ouvem ou vêem (em vt) e reagem ao evento analisado.

A SI se afasta do conceito tradicional de comunicação e a vê como canalizada e restringida por um sistema multinível de sinais verbais e não-verbais que são adquiridos, e, ao longo da vida, são automaticamente produzidos e intimamente coordenados.

Quando a relação entre a iniciativa do falante e a resposta do ouvinte é analisada, descobre-se que elas tendem a ser **sincronizadas** de tal maneira que uma segue a outra em intervalos rítmicos regulares. Isso sugere que a **sincronia** conversacional exige certo grau de previsibilidade e rotina que os falantes adquirem através das experiências interativas e da cultura.

Analisando os aspectos descritos acima, Gumperz (1998) aponta as **Pistas de contextualização** como sendo todos os traços linguísticos que contribuem para a sinalização de pressuposições contextuais podendo aparecer sob várias manifestações linguísticas: processos relacionados às mudanças de código, dialeto e estilo, alguns dos fenômenos prosódicos, opções lexicais e sintáticas, expressões formulaicas, aberturas e fechamentos conversacionais, entre outras. Além de expressões formulaicas, fenômenos de alternância de código e sinais prosódicos, os sinais **não-verbais** também entram no processo de contextualização.

Blom e Gumperz (1998) trabalham com conceitos bem relevantes para essa nova visão de comunicação, eis alguns:

Comunicação eficaz – necessita que o falante e o público ouvinte estejam de comum acordo quanto ao significado das palavras e quanto aos valores e à importância social de sua escolha. **A comunicação verbal** pode ser vista como um processo que envolve duas etapas: **1ª etapa:** os falantes captam pistas externas e as traduzem em estratégias de comportamento adequadas; **2ª etapa:** as estratégias de comportamento são traduzidas em símbolos verbais adequados. **Os determinantes** deste processo comunicativo são: os conhecimentos que o falante possui do repertório linguístico, da cultura e da estrutura social; e a capacidade do falante de relacionar estes conhecimentos às restrições ou balizas contextuais.

Para os autores, As **balizas contextuais** envolvem: **cenário** - a maneira como os habitantes (locais) classificam seu ambiente ecológico em espaços distintos; **situação social** - descreve uma maior delimitação de balizas sociais, quando atividades realizadas por grupos específicos de participantes acontecem em cenários específicos durante um certo período de tempo; **eventos sociais** - são diferentes definições sociais da situação que podem ocorrer dentro do mesmo cenário, dependendo das oportunidades e das restrições à interação

proporcionadas pela mudança dos participantes e/ou do objeto da interação.

Outros conceitos trabalhados pelos autores: **alternância situacional de códigos** - a troca de códigos redefine a situação social em curso, o que tem implicação para a mudança de papéis por parte dos participantes e **alternância metafórica de códigos** - a troca de códigos enriquece a situação em curso, permitindo alusões a mais de uma relação social dentro da mesma situação.

Em seu conhecido trabalho "Footing", Goffman (1998) desconstrói as noções tradicionais de falante e ouvinte, e passa a discutir a complexidade das relações discursivas presentes na estrutura de produção e na de participação. Sua preocupação fundamental é de evidenciar que os participantes constantemente mudam seu *footing* (enquadre) ao longo de suas falas, sendo essas mudanças características inerentes à fala natural. Em outras palavras, *Footing* é uma mudança no alinhamento que os participantes assumem para eles mesmos e para os outros presentes em uma situação comunicativa.

A fim de fundamentar sua visão de enquadre, Goffman (1998) indica algumas limitações na clássica teoria da comunicação tradicional: a pessoa que fala está inteiramente envolvida com a fala e sua recepção; e a pessoa que ouve, com o que está sendo dito; o modelo didático comum falante-ouvinte às vezes especifica participantes demais, às vezes de menos, e às vezes, os participantes errados (Hymes apud Goffman 1998). Relega-se outros fatores, como: gerenciamento da tomada de e retomada de turno; avaliação da recepção através das pistas visuais dadas pelo ouvinte; função paralingüística da gesticulação; sincronia da mudança de olhar; mostra das evidências de atenção; etc.

Assim, ele passa a atualizar alguns conceitos na teoria da comunicação: **participante ratificado** - participante oficial no encontro; **participante não ratificado (circunstante)** - participante não oficial, resultante de uma 'intromissão ou de um ouvinte 'por acaso'; **comunicação subordinada** - uma conversa cujos protagonistas, o tempo e o tom são organizados para se constituir numa interferência visivelmente limitada ao que chamamos de **conversação dominante** que ocorre na sua proximidade. Continuando: **jogo paralelo** - comunicação subordinada de um subgrupo de participantes ratificados; **jo-**

go cruzado - comunicação entre participantes ratificados e circunstantes; **jogo colateral** - palavras respeitosamente murmuradas, trocadas exclusivamente entre os circunstantes; **conluio** - tentativa de dissimular a comunicação subordinada; **insinuação (aliada ao conluio)** - o falante dirige-se a um interlocutor endereçado, encobre suas observações com um significado patente, porém passível de ser negado, que tem um alvo mais além.

O autor ainda expõe a concepção de: **situação social** - arena física absoluta onde as pessoas presentes estão ao alcance visual e auditivo uma das outras; **status de participação** - a relação de qualquer um dos membros com uma determinada elocução; **estrutura de participação** - relação de todas as pessoas no agrupamento com uma dada elocução; **nichos institucionais** - trata-se da habilidade de um falante competente de ir e vir, mantendo em ação diferentes círculos.

Segundo Goffman (1998), a conversação não é o único contexto de uma fala, ela pode assumir a forma de um monólogo expositivo, ou outros. Desta forma, podemos apresentar as seguintes combinações sociais (simétrica e assimétricas) de fala: **simétrica** - falante e ouvinte, gerando um evento de fala; **assimétricas** - oradores/atores e platéia, gerando um evento de palco; pregadores/professores/juízes e congregação/ platéia, gerando um evento de tribuna.

Nesta apresentação, o evento de tribuna será ressaltado, já que a interação em uma comunidade religiosa se dá, especialmente, através deste evento.

O conceito clássico de falante/ **animador** é atualizado por outros: **autor** - alguém que selecionou os sentimentos que estão sendo expressos e as palavras nas quais eles estão codificados; **outorgante/responsável** - alguém cuja posição é estabelecida pelas palavras faladas, cujas opiniões são verbalizadas, aquele que está comprometido com o que as palavras expressam; **falante** - na utilização do termo está implícito que o indivíduo que anima está produzindo seu próprio texto e delimitando sua própria posição através dele; sendo ao mesmo tempo: animador, autor e responsável.

Numa estrutura de participação, no papel de falantes, representamos a nós mesmos através do emprego de um pronome pessoal,

normalmente “eu”, sendo assim **figura** – a apresentação do “eu”, do agente, do protagonista. Uma figura é alguém que pertence ao universo sobre o qual se está falando. Alguma parte de nós permanece por trás de nossa elocução condicional. Para Mead (Apud Goffman, 1998): um “me/min” que tenta incorporar o seu “eu” precisa de um outro “eu” para conseguí-lo.

A fim de explicar o papel da figura na elocução, Hockett (Apud Goffman, 1998) faz referência ao deslocamento irrestrito no tempo e espaço – um “eu” do passado pode se ligar a “nós”, a pessoa presente, através da continuidade biográfica. Em tal caso, pode-se dizer que dois animadores estão envolvidos; o que está fisicamente animando os sons que são ouvidos e um animador encaixado, uma figura inserida em uma afirmação e cuja presença se dá somente no universo sobre o qual se está falando, não no universo no qual a narração em curso acontece.

Segundo Pêcheux (apud Orlandi 1995), ao falar, o sujeito se divide, tendo em vista suas palavras serem também as palavras dos outros. “Discursivamente, não há nem um sujeito-absoluto, auto-suficiente, nem um sujeito-complemento, inteiramente determinado pelo fora.” (Orlandi, 1995: 80).

Na teoria de Goffman (1998), a mudança de *footing* ocorre também quando: ao invés de dizermos algo nós mesmos, optamos pelo relato do que o outro disse; mudamos do relato de nossos sentimentos atuais, os sentimentos do “ser emissário”, para sentimentos que já tivemos, porém, que não mais endossamos.

Segundo Tannen e Wallat (1998), os enquadres podem ser: **interativos** - noção interativa de enquadre se refere à definição do que está ocorrendo em uma interação, sem a qual nenhuma elocução (movimento ou gesto) poderia ser interpretada; **simultâneos** - às vezes, os enquadres exigem atenção simultânea; **conflitantes** - cada enquadre pressupõe maneiras de comportamento que podem entrar em choque com as exigências dos outros enquadres.

A noção de contexto, em SI, pode ser descrita como uma ecologia de elementos que formam a subparte do evento de fala que recebeu o nome de ‘atividade’ na nomenclatura de Gumperz. Nessa concepção, um discurso passa a ser uma seqüência de atividades (li-

neares ou encaixadas), que vêm delimitadas por metagensagens e que sinalizam o aqui e o agora da interação face a face.

Essenciais para a compreensão de como emitimos sinais, e como inferimos contextos e significados associados a contextos, são os conceitos de *esquemas de conhecimento*, um conceito que faz referência a estruturas de memórias, nas quais está codificada nossa experiência, e de *enquadres* (Bateson), ou/e de *footing* (Goffman), de natureza interacional, que vêm a ser metagensagens que definem as atividades ou micro contextos de interpretação. Esses construtos foram reunidos no conceito mais geral de *estruturas de expectativas*, termo proposto por Tannen, para evidenciar que lidamos não com essas estruturas, em nossa interpretação, porém com as expectativas geradas por elas.

Segundo Goffman (1976), o contexto pode ser descrito como um “frame” que envolve o que está sendo examinado e provê fontes para sua interpretação apropriada. Uma dificuldade que pode ser apontada para analisar contexto é descrever o conhecimento sócio histórico que um participante emprega para agir na interação.

Os participantes estão situados dentro de múltiplos contextos e são capazes de mudanças rápidas e dinâmicas, assim como os eventos que estão engajados em desenvolver. Eles têm habilidade de projetar e negociar o que está acontecendo. Desse modo, a noção de contexto pode ser entendida como um tipo de orientação formal da prática dos atores, participantes em cena de sua vida a cada dia. Contexto é analisado como um modo de práxis constituído interativamente.

A interação face a face é um exemplo de contexto já que provê um modelo elementar de organização social humana, e de compreensão dos eventos que estão ocorrendo.

Iremos trabalhar em um contexto religioso, por isso gostaríamos de acrescentar a concepção de Malinowski (apud Ravenhill, 1976), cada discurso ritual está relacionado ao: contexto sociológico, como as palavras alcançam o efeito na comunidade; contexto ritual, procedimento gestual que acompanha o discurso; contexto dogmático, as crenças que cercam o ato de fala; e contexto lingüístico.

INTERAÇÃO FACE A FACE EM UMA COMUNIDADE RELIGIOSA: ENQUADRES RELIGIOSO E SOCIAL

As análises em SI objetivam verificar como o comportamento verbal e não-verbal de indivíduos em encontros face a face, em situações informais, ou em institucionais acontecem, por isso tomamos por base algumas das orientações da microanálise etnográfica, (notas de campo, gravações, filmagem etc.). Os dados foram coletados, seguindo-se os seguintes passos: a escolha do cenário ecológico – uma comunidade religiosa; observação geral do cenário como participante observador; notas de campo de duas reuniões: culto evangelístico, quarta-feira: 02/05/2001 e domingo: 06/05/2001; amostragem restrita, através de um registro em VT, com duração de 2 horas e 8 minutos, sábado, 12 de maio de 2001; transcrição do teipe.

Através desses passos, buscamos dados para confirmar as seguintes hipóteses: alguns enquadres sociais podem apresentar alinhamentos excludentes com as exigências de reverência (silêncio) nos serviços religiosos; há enquadres sociais que são harmoniosos com os religiosos.

E atingir os objetivos: identificar o alinhamento, ou a falta deste nos diversos eventos comunicativos religiosos; diferenciar enquadres religiosos dos sociais; verificar quando os enquadres sociais apresentam alinhamentos excludentes com as exigências de reverência nos serviços religiosos, principalmente no que diz respeito ao silêncio; identificar enquadres sociais que são complementares aos religiosos.

A pesquisa foi realizada no Ponto Novo, um bairro de Aracaju, Sergipe. Os moradores deste bairro apresentam uma diversidade de classes sociais, dos menos favorecidos aos economicamente estáveis. A comunidade religiosa vem a apresentar esse mesmo perfil; no entanto, a predominância é de classe média baixa a classe baixa, apresentando famílias com uma renda ente dez a vinte salários mínimos e outras com apenas um salário mínimo, pessoas com empregos federais, outros autônomos (empregada doméstica, pedreiro, marceneiros outros) e também desempregados.

O grau de escolaridade também é bastante variado, alguns fazem o terceiro grau, e uns poucos já são formados, alguns que eram

semi-analfabetos concluíram ALFALIT (Alfabetização através da Literatura) recentemente.

O líder religioso é um pastor, formado em teologia. Geralmente, o pastor passa quatro anos de trabalho experimental a fim de ser ordenado para o ministério. Ele cuida de oito a quinze igrejas e grupos que formam um Distrito.

A reunião geográfica de distritos (num Estado ou Estados) forma a Associação, se é independente financeiramente, ou uma Missão se financeiramente depende de uma organização superior. O conjunto de Associações ou Missões forma as Uniões; e as Uniões formam as Divisões e estas a Conferência Geral.

A comissão de nomeação da Igreja local escolhe todos os cargos e líderes dos departamentos. Os “anciãos” são a segunda autoridade na igreja. Há os diáconos e diaconisas, coordenadores de departamentos (Escola Sabatina, Assistência Social, Jovens Adventistas (J.A.), Ministério Pessoal) e professores.

Os encontros semanais se dividem em dois grupos: os oficiais, comuns a todas as igrejas: Sábado (manhã e tarde)- Classe de professores, Escola Sabatina, Culto Divino e J. A.; Domingo (noite) - Culto evangelístico e/ou classe bíblica; Quarta-feira (noite) – Culto de oração. E os não –oficiais, determinados de acordo com liderança local de cada igreja: Terça-feira (tarde) – culto de oração das senhoras; Quinta-feira (noite) – culto da família, a pedido de cada família e realizado nas casas; Sexta-feira (noite) – Pequenos Grupos, realizado, geralmente, na casa do líder do grupo. Há também, trimestralmente, as Semanas de Oração, ou de Reavivamento Espiritual, culminando com Santa Ceia e/ou noite de vigília.

Suas crenças principais são: Deus é triúno (Pai, Filho e Espírito Santo), onipotente, onisciente e onipresente; Deus é criador; a salvação é pelos méritos de Cristo; os seres humanos são mortais; na segunda vinda de Cristo, os salvos tornar-se-ão imortais; a observância do sábado como dia santificado desde a criação.

Esta comunidade religiosa pesquisada pertence à Missão Serpipe-Alagoas da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Embora o registro na secretaria local apresente um número maior de membros, os que freqüentam regularmente podem ser assim distribuídos, de acordo

com o cartão de matrícula da Escola Sabatina: adultos - homens: 16; mulheres: 36; jovens e adolescentes: 24; juvenis, jardim e rol do berço; 26. Observa-se, pelos números, que a Igreja é constituída de 50% de jovens (0 – 25 anos de idade) e que o sexo feminino é predominante.

A comunidade estudada faz parte de uma irmandade maior que são os adventistas em quase todo o mundo (dados de 1999): número de igrejas- 46.740; membros – 10.939.182; países penetrados – 204 (dos 229 reconhecidos); línguas – 803 (oral e/ou escrito); instituições educacionais – 5.846; hospitais e sanatórios – 166, clínicas – 371; casas publicadoras – 56 (310 línguas usadas em publicações); Escolas Sábatinas – 110.229 com 12.802,672 membros. A Assistência Social (ADRA – Agência Adventista de Recursos Assistenciais) está presente em 124 países e ofereceu ajudas que totalizaram: US \$ 154.488,614.

Reverência na presença de Deus

“O Senhor está no seu santo templo; nos céus tem o Senhor seu trono; os seus olhos estão atentos, as suas pálpebras sondam os filhos dos homens.” (Salmos 11:04)

“O Senhor, porém, está no seu santo templo; cale-se diante dele toda a terra.”(Habacuque 2:20)

A justificativa para os fiéis buscarem determinados alinhamentos e enquadres nos serviços religiosos é dada através do que todos consideram como sendo um livro de inspiração divina – a Bíblia Sagrada. Segundo alguns textos, o primeiro aspecto a considerar no alinhamento seria o *silêncio/ a reverência* - “*cale-se diante dele toda a terra.*” Confirme-se através de outros textos: “*Guardareis os meus sábados, e reverenciareis o meu santuário: Eu sou o Senhor.*”(Levítico 19:30). Logo, o que determina o enquadre, sem dúvida, é o senso da presença de Deus.

Os Adventistas acreditam em outras fontes de orientações sobre como devem se portar no santuário. Para eles, a escritora Ellen Golden White (séc XIX) recebeu inspiração divina para orientar em vários aspectos da vida religiosa: educação, saúde, regime alimentar,

instruções proféticas, adoração e reverência, etc. Então através de seus livros, eles recebem orientações complementares sobre atitudes esperadas na Casa de Culto.

A fim de analisar o silêncio como importante modo de comportamento e comunicação na prática religiosa, podemos pensar o silêncio como não sendo ausência ou vazio, mas como tendo significado.

Philips (apud Orlandi, 1995) apresenta uma distinção teórica mais geral para o estudo da fala e do silêncio. Ela distingue entre a 'interação estruturada através da fala' e a 'interação estruturada através do silêncio'. Dessa maneira, podemos perceber o silêncio como uma categoria comunicativa interacional, capaz de expressar uma variedade de significados.

Conforme J. de Bourbon Busset (Apud Orlandi, 1995) “o silêncio não é ausência de palavras, ele é o que há entre as palavras, entre as notas de música, entre as linhas, entre os astros, entre os seres.”(p.70). Para Orlandi, “o silêncio não está apenas ‘entre’ as palavras. Ele as atravessa. (Orlandi, 1995: 71). “o silêncio não são as palavras silenciadas que se guardam no segredo, sem dizer. O silêncio guarda um outro segredo que o movimento das palavras não atinge.”(*M.LêBot* apud Orlandi, 1995: 72)

Orientações quanto ao alinhamento e enquadre nos serviços religiosos

O antes

Se faltam alguns minutos para o começo do culto, os crentes devem entregar-se à devoção e meditação silenciosa, elevando a alma em oração a Deus para que o culto se torne para eles uma bênção especial... (White, 1995: 194)

Como **participante observador**, verificamos que só a minoria dos congregados se entregam a devoção e meditação. O comum é que os membros, que chegam cedo, aproveitem os minutos que antecedem ao serviço religioso para alguma conversa amigável ou mesmo combinar algo referente ao culto. Porém o característico é que a irmandade chega na hora de iniciar o serviço religioso, sem contar o

razoável número de membro que chega atrasado.

O durante

“Quando a Palavra é exposta, deveis lembrar-vos, irmãos, de que é a voz de Deus que vos está falando por meio de Seu servo.”(White, 1995 : 195)

Para White (1995) em sua Obra Testemunhos Seletos, a irreverência dos cristãos na igreja é um dos motivos mais sérios que justificam por que o ministério não apresenta grandes resultados. Ela aconselha também que na hora de apresentação do sermão não se deve dormir, porque assim fazendo, os fiéis poderiam perder as palavras de que mais necessitavam ouvir.

Às vezes é uma criança que desvia de tal modo a tenção dos ouvintes que a semente preciosa não caia em terreno fértil para produzir fruto. Outros, são os moços e moças que revelam tão pouco respeito pela causa de Deus, que se entretêm a conversar durante a pregação. (White, 1995: 196).

Consideremos o que aconteceu no sábado, 12/05/2001, pela manhã.

Antes do Culto divino, D.3 (dirigente 3) ensina para a Igreja a forma correta de cantar duas músicas que fazem parte da doxologia. É um momento também para lembrar a presença do divino (0.35.35/ 0.38.37) e de alinhamento para o **enquadre** (0.36.35/ 0.37.40) do culto. Verificamos que no início alguns demoram a se alinhar para esse serviço religioso. Há choques entre enquadres sociais (0.35.35/ 0.36.35) que não são esperados dos adoradores, até que eles se alinham (0.37.40).

Fase preparatória para culto

Exemplos:

0.35.35 - D.3 – *Continuando na presença do nosso Deus, nós teremos a seguir os cânticos, os cânticos que nós cantamos nos cultos para, fazendo parte da doxologia.(...)*

Um jovem ouve a conversa de alguém e meneia a cabeça negativamente

S. virada para trás conversa com A.(A3)

Percebemos que sábado passado, os irmãos lá no Espaço Emes cantaram o ...o compasso certo(0.2)

Jo continua organizando suas folhas e o juvenil S ri com ele. (A3)

D.3 canta e orienta a igreja

0.36.35 - S. continua conversando com A. (A3)

D.3 – *vamos dar uma passada nos dois.*

Ba e Jr se distraem.(A3).

Igreja participa cantando

0.37.15 - D.3 – *Tudo bem?*

S., A., Ap. E Mi estão participando de uma conversa.

0.37:40 - D.3 – *Agora o segundo, nós vamos (?) tem uma parada nos versos.*

A profa. Toca.

A Igreja canta. Praticamente, todos estão acomodados

0.38.37 - *Está certo? Obrigado, eu também estou aprendendo mais (0.2) Qual o objetivo de estarmos aqui, de adorar ao nosso Deus em espírito e em verdade.(...)*

(Continua no número 25)